



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO–CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**JAILMA DO RAMO BARBOSA**

**A ABORDAGEM DOS GÊNEROS  
CHARGE E TIRINHA NO LIVRO DIDÁTICO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2014**

**JAILMA DO RAMO BARBOSA**

**A ABORDAGEM DOS GÊNEROS  
CHARGE E TIRINHA NO LIVRO DIDÁTICO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nóbrega.

CAMPINA GRANDE-PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238a Barbosa, Jailma do Ramo.  
A abordagem dos gêneros charges e tiras no livro didático de língua portuguesa [manuscrito] / Jailma do Ramo Barbosa. - 2014.  
41 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Educação, 2014.  
"Orientação: Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega,  
Departamento de Letras e Artes".

1.Livro didático. 2. Gêneros textuais. 3.Charge. 4Tirinha. I.  
Título.

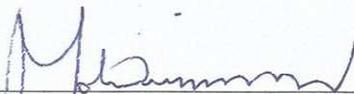
21. ed. CDD 371.32

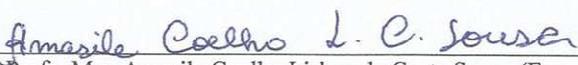
JAILMA DO RAMO BARBOSA

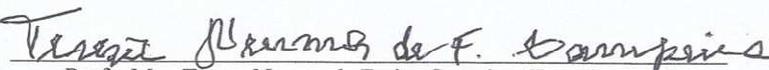
**A ABORDAGEM DOS GÊNEROS  
CHARGE E TIRINHA NO LIVRO DIDÁTICO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA**

Aprovada em: 12/12/2014

**BANCA EXAMINADORA**

 = 9.0 (Nov)  
\_\_\_\_\_  
Prof. M.e. Marcelo Vieira da Nóbrega (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 = 9.0 (Nov)  
\_\_\_\_\_  
Profa. M.e. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 9.0  
\_\_\_\_\_  
Profa. M.e. Teresa Neuma de Farias Campina (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE-PB  
2014

## **RESUMO**

A todo o momento, estamos em contato com textos e os utilizamos para nos comunicar. Estes fazem parte dos mais variados gêneros que circulam na sociedade de acordo com a situação comunicativa. Desse modo, é de grande relevância trabalhá-los dentro do âmbito escolar. Assim, escolhemos dar um enfoque maior aos gêneros charge e tirinha, pois estes estão cada vez mais presentes em concursos e vestibulares. Estas, dentre outras razões, levam-nos a deduzir que o corpo discente deve estar familiarizado com gêneros de circulação social desde cedo. No espaço da sala de aula, as tirinhas e as charges devem estar na ordem do dia. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo geral analisar e discutir de que forma os livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino fundamental abordam os gêneros charge e tirinha. Diante disto, o nosso objetivo específico é investigar qual material didático estudado aborda esses gêneros de forma adequada, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos perante gêneros textuais. Mediante uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, selecionamos três coleções de livros didáticos de autores distintos de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano que estiveram e estão nas salas de aula do ensino fundamental da rede pública. A partir destes, fizemos uma comparação entre os materiais, evidenciando qual deles aborda os gêneros charge e tira de forma mais adequada para a formação de um leitor e cidadão crítico. Para embasar a nossa análise, utilizamos como aporte teórico documentos oficiais (PCN e OCEM), além das abordagens dos seguintes autores: Marcuschi (2005, 2008); Schneuwly & Dolz (2004); Geraldi (2006); Bakhtin (1997); Garcia (2005); Dionísio (2005) e Romualdo (2000), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro didático. Gêneros textuais. Charge. Tirinha.

## **ABSTRACT**

We are constantly in contact with texts and use them to communicate. They are part of various genres which circulate in society according to the communicative situation. Thus, it is very important to approach them within school environment. Thus, we have chosen to focus on cartoons and comic strips, since they are increasingly present in tenders and SAT exams. Among other reasons, these ones lead us to conclude that the students should be early familiar with genres social movement. In the classroom, cartoons and comic strips should be on the agenda. Thus, this paper aims to analyze and discuss how Portuguese textbooks from elementary school address such genres. So, our specific objective is to investigate which studied courseware properly addresses these genres, in order to contribute to students' learning development on genres. Through a qualitative literature, we have selected three Portuguese distinct textbook collections from elementary schools which were and are in public schools classrooms. Then, we have made a comparison between the materials, in order to show which one address cartoons and comic strips and adequately approach reader's and citizen's critic formation. Aiming to support our analysis, we theoretically grounded in official documents (Parâmetros Curriculares Nacionais, and Orientações Curriculares para o Ensino Médio), and also in the following authors: Marcuschi (2005, 2008); Dolz & Schneuwly (2004); Geraldi (2006); Bakhtin (1997); Garcia (2005), and Romualdo (2000), among others.

**KEYWORDS:**Textbook. Textual genres. Cartoons. Comicstrips.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 01</b>	Análise quantitativa da recorrência de tiras e charges na coleção <i>Português: Linguagens</i> , de Cereja & Magalhães (2009).....	<b>32</b>
<b>TABELA 02</b>	Análise quantitativa da recorrência de tiras e charges na coleção <i>Vontade de Saber</i> , de Alves & Brugnerotto (2012).....	<b>33</b>
<b>TABELA 03</b>	Análise quantitativa da recorrência de tiras e charges na coleção <i>Singular &amp; Plural</i> , de Figueiredo; Balthasar & Goulart (2012).....	<b>33</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>HQ</b>	História em Quadrinhos
<b>MEC.</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>OCEM</b>	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro Didático

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
2.1	Gêneros textuais.....	15
2.1.1	Gêneros textuais e ensino.....	17
3.	A importância dos gêneros charge e tirinha e as diferenças entre ambos .....	20
3.1	A charge como estratégia de leitura crítica na escola .....	24
3.2	As tiras na sala de aula .....	27
<b>4.</b>	<b>REFERENCIAL METODOLÓGICO.....</b>	<b>29</b>
<b>5.</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>30</b>
<b>5.1</b>	<b>ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS.....</b>	<b>30</b>
<b>6.</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## **A ABORDAGEM DOS GÊNEROS CHARGE E TIRINHA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Jailma do Ramo Barbosa<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

### **1. INTRODUÇÃO**

Os gêneros charge e tirinha contemplam tanto a linguagem visual quanto a linguagem verbal. Além de serem riquíssimos em sentidos, despertam o gosto pela leitura, pois tratam de temas atuais com certa dose de humor e crítica. Dessa forma, exigem um conhecimento linguístico e de mundo maior para que, de fato, ocorra a construção de sentido. Para tanto, devem ser trabalhados todos os seus aspectos textuais e discursivos, permitindo, assim, que os alunos compreendam o texto.

Porém, alguns livros didáticos de Língua Portuguesa apresentam esses gêneros apenas para o trabalho com a questão gramatical e deixam de lado a abordagem semântico-textual. Assim, faz-se necessária uma análise dos materiais didáticos que estão em uso nas escolas públicas, visto que muitos educadores seguem o livro didático como um manual sagrado, do qual não podem fugir, e o utilizam como única ferramenta para o planejamento de suas aulas. Ademais, boa parte dos professores aborda os conteúdos fidedignamente ao que consta no manual didático, sem nenhuma adequação à realidade do corpo discente.

O nosso trabalho tem como objetivo geral analisar e discutir como os livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino fundamental abordam os gêneros charge e tira. E como objetivo específico, pretendemos investigar qual material didático estudado aborda esses gêneros de forma adequada, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos a partir destes gêneros textuais.

Os livros didáticos são um grande suporte para o ensino de Língua Portuguesa. Muitos professores fazem desse material seu único instrumento para desenvolver as aulas. Desse modo, nossa pesquisa justifica-se à medida que analisa livros didáticos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental que estão em uso nas escolas da rede pública. A presente pesquisa parte da hipótese de que a maioria dos livros didáticos de Língua

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (campus I). E-mail: <[jailmabarbosa\\_20@hotmail.com](mailto:jailmabarbosa_20@hotmail.com)>.

Portuguesa aborda os gêneros charge e tirinha como instrumento para ensinar gramática, falhando em empreender uma abordagem que contemple da melhor forma o gênero, já que apenas atentam para os elementos gramaticais, descartando a análise linguística e a questão do gênero.

O nosso trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Nesta, analisaram-se três coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa. “*Português: linguagens* (2011 a 2013), de Cereja & Magalhães (2009), e *Vontade de Saber*(2014 a 2016), de Alves & Brugnerotto (2012).A outra coleção, *Singular & Plural*(2014 a 2016), de Figueiredo; Balthasar & Goulart (2012), distintos, contemplando do 6º ao 9º ano, que estiveram e estão presentes nas escolas públicas Padre Godofredo Joosten e no Colégio de Aplicação, em Gado Bravo e Campina Grande, respectivamente, entre o período de 2011 a 2014. Escolhemos essa modalidade de pesquisa por ela nos possibilitar comparar os materiais utilizados, além de verificar se houve alguma evolução, em termos de melhoria na abordagem do ensino de língua materna, à luz de um olhar crítico e interativo.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os gêneros textuais estão presentes em nossas vidas desde a Antiguidade, sendo uma forma de manifestação da linguagem oral ou escrita. Entretanto, o uso da denominação gênero textual é relativamente atual quando comparada à sua existência, haja vista que antes se atribuía à tipologia textual o que atualmente chamamos de gênero. Segundo Marcuschi (2008, p.15), “hoje a noção de gênero ampliou-se para toda a produção textual”.

Nesse sentido, ao nos comunicar, estamos fazendo uso de algum gênero textual, utilizando, assim, a linguagem como uma forma de interação social, pois, como lembra Marcuschi(2008, p. 17), “todas as manifestações verbais mediante a língua se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados. Esses textos são enunciados no plano das ações sociais situadas e históricas”.

Os gêneros textuais surgem de acordo com as necessidades de comunicação e também por demandas tecnológicas. Já que estamos na era da tecnologia, surgiram também os gêneros específicos para essa situação de interação entre as pessoas.

Queremos, dessa forma, mostrar que estes possuem grande diversidade de forma e representação, afirmativa que se coaduna com o pensamento de Marcuschi (2005, p. 20), para quem os gêneros se “caracterizam [mais] por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”.

Destarte, a inclusão dos gêneros em sala de aula se faz necessária, pois estes estão nas mais variadas esferas da sociedade. Além disso, os alunos travam com eles um estrito e constante contato, por meio da internet ou da mídia impressa, sem falar nas grandes possibilidades didático-pedagógicas que eles proporcionam. Ademais, as formas como nos comunicamos com o mundo se estabelecem sempre através de um texto, seja ele verbal ou não.

Assim, nota-se a importância de se trabalhar os diversos gêneros textuais em sala, fazendo com que os alunos possam se preparar para a vida, pois as atividades discursivas presentes nos gêneros textuais exercem grande influência na vida das pessoas, seja no âmbito escolar ou social. Outrossim, eles se prestam também como uma forma de controle social e cognitivo, o que pode ser justificado a partir da seguinte afirmativa de Marcuschi (2008, p. 162): “quando queremos exercer qualquer tipo de poder ou de influência, recorremos ao discurso. Ninguém fala só pra exercitar as próprias cordas vocais”. Desse modo, se não desenvolvermos as habilidades discursivas, seremos sempre submissos e influenciáveis; não desenvolveremos nossas opiniões e pontos de vista acerca dos fatos que nos cercam. Com o uso dos gêneros nas aulas de língua materna, estamos ampliando a capacidade linguística e discursiva dos alunos.

Além de trazer várias possibilidades para o ensino de língua materna, o uso dos gêneros aborda também diversas questões, como linguagem, léxico, textualidade, leitura, além de estarem sempre ligadas a um uso efetivo da língua em sociedade. Tendo estes aspectos em vista, muitos teóricos defendem a inclusão deles dentro das aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, para Marcuschi (2008), não há como nos comunicarmos verbalmente a não ser por meio de textos, os quais se fazem presentes nos gêneros textuais.

A partir da assertiva supracitada, podemos afirmar categoricamente a necessidade de acrescer essa ferramenta didática em nossas aulas, de modo que, ao utilizar a forma concreta e em uso da linguagem por meio dos gêneros textuais, apresentamos os alunos à concretização do uso da língua exposta nos textos.

Segundo Schneuwly&Dolz (2004, p. 37), o ensino dos gêneros textuais na escola é de fundamental importância, pois “é ele que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino de produção de textos orais e escritos”.Concebendo mediante a mesma perspectiva a presença dos gêneros textuais na escola, os PCN para o ensino de Língua Portuguesa estabelecem como objetivo que os alunos sejam capazes de desenvolver suas competências discursivas.Espera-se que “o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita” (BRASIL, 1998, p. 23). Essas competências são enfaticamente ampliadas através do trabalho com os diversos gêneros textuais em sala de aula.

O ensino de língua através dos gêneros textuais nos possibilita também aproximar nossas aulas às práticas discursivas e sociais dos alunos, visto que os gêneros comportam grandes variações de temas e abordagens, permitindo, ainda, o trabalho com o aspecto formal, informal, verbal e não verbal da linguagem, com temas relacionados ao cotidiano. Desperta, destarte, a importância da escolha adequada de que gêneros trabalhar nas aulas, podendo explorar tanto os aspectos interpretativos quanto argumentativos dos alunos.

Outro ponto positivo para trabalhar a leitura de gêneros textuais em sala é que a discussão em grupo gera interpretações ímpares, auxiliando os discentes em seu crescimento linguístico e amadurecimento como leitor crítico. Eles passam a compreender melhor os recursos argumentativos que foram e podem ser por eles utilizados, tendo em vista que o trabalho com gêneros também contribui para a formação de leitores, conforme a proposta dos PCN para o ensino de Língua Portuguesa. Dessa forma, segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 23), “é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas”.

É importante salientar que o trabalho com os diversos gêneros textuais em sala de aula deve também abordar as diferentes tipologias que muitos textos apresentam. Dessa forma, precisa-se estabelecer a diferença entre gênero e tipologia textual. Segundo Marcuschi (2008, p. 154), “tipo de texto designa uma espécie de construção teórica em geral, sequências subjacentes aos textos definida pela natureza linguística”. Em outras palavras, o tipo textual está mais atrelado à forma como o texto é escrito. Conforme o mesmo autor, no tocante aos gêneros, “eles são materializados em situações comunicativas recorrentes. São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos” (MARCUSCHI, 2008, p.155). Destarte, é relevante selecionar os gêneros mais adequados para a valorização da prática sociointeracionista dentro do âmbito escolar.

Segundo Geraldi (2006, p. 27), “no quadro de uma concepção sociointeracionista da linguagem, o fenômeno social da interação verbal é o espaço próprio da realidade da língua, pois é nele em que se dão as enunciações enquanto trabalho dos sujeitos envolvidos na comunicação”. Ou seja, só possível contemplar essa prática a partir das seleções pertinentes ao ensino de Língua Portuguesa para desenvolver o senso crítico e argumentativo dos alunos. Nesse sentido, os PCN defendem que

é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1998, p.24).

Dando ênfase aos gêneros charge e tira em análise, é necessário que eles sejam abordados na sala de aula na concretude do gênero textual, ou seja, explorando todos os aspectos do texto, principalmente os discursivos e composicionais. Deve-se, portanto, abolir sua abordagem apenas como pretexto para as aulas de Gramática, pois só assim os alunos irão ter a devida compreensão do texto em si. Tais premissas se coadunam com as designações apresentadas pelos PCN, para os quais

ainda que a unidade de trabalho seja o texto, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e constitutivos do gênero quanto das particularidades do texto selecionado, dado que a intervenção precisa ser orientada por esses aspectos discretizados. A discretização de conteúdos, ainda que possa provocar maior distanciamento entre o aspecto tematizado e a totalidade do texto, possibilita a ampliação e apropriação dos recursos expressivos e dos procedimentos de compreensão, interpretação e produção dos textos, bem como de instrumentos de análise linguística (BRASIL, 1998, p.48).

Para Bakhtin (1997, p. 262), “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Assim, os gêneros discursivos se definem como os enunciados proferidos e criados por cada indivíduo. Dessa forma, é necessário incluí-los nas aulas de Língua Portuguesa, para que os alunos possam desenvolver cada vez melhor sua competência linguístico-discursiva.

Nesse diapasão, Barbosa (2000, p. 158) defende que “os gêneros do discurso permitem capturar, para além de aspectos estruturais presentes em um texto, também aspectos sócio-históricos e culturais, cuja consciência é fundamental para favorecer os processos de compreensão e produção de textos”.

## **2.1 Gêneros textuais**

Os estudos acerca dos textos estão evoluindo cada vez mais. Os estudiosos voltam-se mais para a função discursiva do texto e não apenas para a sua forma e estrutura. Destarte, já delimitamos as várias definições sobre o que é texto e sobre gêneros textuais à luz de vários teóricos. Segundo Marcuschi (2008), o gênero textual se define como “padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas” (MARCUSCHI, 2008, p.190).

Já para Schneuwly (2004, p.20), “os gêneros podem ser considerados como instrumentos que possibilitam a comunicação”. É importante salientar que cada texto se encaixa em um determinado gênero textual que, por sua vez, são muitos. Para classificar o texto como pertencente a um determinado gênero, é necessário conhecer alguns elementos e atributos específicos a cada um deles. Um meio de descobrir a função de cada texto é atentar para quem ele é direcionado, qual a tipologia predominante, que assuntos são abordados, entre outros elementos encontrados na superfície do texto, pois, como afirma Antunes (2002, p. 04), “considera-se ‘gêneros de textos’ como classes de exemplares concretos de texto”. Desta feita, podemos dizer que o gênero textual é uma forma de classificar o texto.

Os gêneros textuais são heterogêneos e incalculáveis, mudando o sabor do tempo. Segundo Marcuschi (2008), isso ocorre porque eles “[...] se desenvolvem de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou com as novas tecnologias” (MARCUSCHI, 2009, p. 19). É isto que ocasiona a diversidade de gêneros existentes.

Miller, citado por Marcuschi (2008, p. 159), afirma que “os gêneros são formas verbais de ação social estabilizados e recorrentes em textos situados em comunidades de práticas em domínios discursivos específicos”.

De acordo com Vilela & Koch (2001, p.537), “os gêneros estão sujeitos a mudanças, decorrentes não só das transformações sociais como oriundas de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, como também de modificações do lugar atribuído aos ouvintes”. Dessa forma, o ouvinte também contribui para o enquadramento do texto em um determinado gênero, pois este muda por meio do ouvinte.

O gênero textual funciona como componente semiótico mediador das práticas sociais. Assim, “em sua função mediadora, o gênero nos permite recuperar conexões entre as ações individuais e as estruturas sociais mais abstratas em forma de regras e recursos” (MEURER, 2008, p.161).

De acordo com Marcuschi (2008, p. 159), “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdo”.

Ainda conforme o autor, “o gênero textual refere-se aos diferentes formatos que o texto assume para desempenhar as mais diversas funções sociais, ressaltando suas propriedades sociocomunicativas de funcionalidade e de intencionalidade” (MARCUSCHI, 2008, p. 21).

Para Motta-Roth & Heberle (2005, p. 17), “o gênero se constitui linguisticamente em função do papel que a linguagem desempenha em uma classe de acontecimentos sociais”. Meller, citado por Elisabeth Marcuschi (2010, p. 76), afirma que “os gêneros textuais são entidades como ações interlocutivas que organizam a vida das pessoas no âmbito das práticas sociais”.

Meller (2009) define também O gênero textual também é definido enquanto uma entidade “de produção maleável, e por isso mesmo, em seu processo de produção e de circulação, no fluxo interacional entre leitor-texto-autores, está sujeito a incompreensões e transgressões” (MELLER, apud MARCUSCHI, 2010, p. 76).

Corroborando o conceito de gênero textual, Bakhtin (1992, p.280) aponta que “um gênero é um conjunto de enunciados mais ou menos marcados pela especificidade de um contexto de enunciação, onde uma dada atividade humana recorrente está em andamento em um contexto de cultura”.

### **2.1.1 Gêneros textuais e ensino**

De acordo com os PCN, “o objetivo do ensino de língua é a consolidação dos conhecimentos do aluno para agir em práticas letradas, o que inclui os diversos gêneros textuais e os diferentes meios nos quais estes circulam” (BRASIL, 1998, p. 33). Assim, os gêneros devem ser abordados em sala de maneira que os alunos possam entendê-los como forma de interagir com o mundo, partindo do que eles já conhecem e ampliando seus referenciais epistemológicos para o que será aprendido, de acordo com a função comunicativa de cada gênero.

Segundo as OCEM (BRASIL, 2006, p.28), “as práticas de leitura e escrita na escola devem voltar-se a para a realidade do aluno assim como também promover aos mesmos a inserção efetiva nas novas esferas sociais, as quais irão enfrentar no decorrer de sua vida social”. Dessa forma, ao incluir os gêneros textuais nas aulas de Língua

Portuguesa, estaremos cumprindo com esse papel da escola, visto que os gêneros abrem espaço para trabalhar com todos esses aspectos citados nas OCEM.

A proposta de incluir os gêneros textuais na escola é pautada pelo objetivo de tornar a sala de aula um espaço de leitura, discussão e reflexão sobre a língua e a sociedade, e, assim, tornar a escola um espaço dinâmico e significativo para o aluno. Desse modo, deve-se eleger o texto como o eixo central do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, já que “são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” (BRASIL, 2000, p. 30).

Para aprender a utilizar a linguagem, é necessário que o sujeito esteja diretamente ligado à sua atividade. Como lembram Schneuwly & Dolz (2004, p. 74), “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes”. Dessa maneira, nota-se a importância de intensificar o contato dos discentes com os gêneros, explorando principalmente os seus aspectos linguísticos.

“É pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito. Só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo” (BRASIL, 2006, p.24). Partindo dessa afirmação, podemos dizer que, com a exploração de diversos gêneros textuais na sala de aula, estamos contribuindo para a construção de diversos sujeitos discursivos, pois a linguagem é um fator indispensável dentro dos gêneros textuais, seja ela verbal ou não verbal, pois “quando nós usamos a linguagem, estamos realizando ações individuais e sociais que são manifestações socioculturais, materializadas em gêneros textuais” (DIONISIO, 2008, p.121). Conforme assevera Pagnoncelli (2008, p. 04),

ao abordarmos o texto sob um ponto de vista pragmático, precisamos considerar todas as características do processo enunciativo que o gerou. Visto como um produto de um ato discursivo, o texto situa-se em um tempo e espaço definidos, persegue uma determinada intenção e instaura uma relação de interação entre produtor e leitor/ouvinte. Assim, podemos considerar a posição de que a produção textual é uma atividade verbal a serviço de fins sociais.

Levando em consideração a citação acima, observamos a importância de se trabalhar com o texto. Devemos salientar aqui a diferença entre estudo do texto e análise linguística, pois a utilização do texto para fins de descrição gramatical em sala de aula é muito comum nas aulas de Língua Portuguesa. Todavia, a abordagem do texto enquanto gênero, explorando todos esses aspectos acima citados, resulta no trabalho do texto no espaço escolar, contribuindo para um ensino de língua materna contextualizado. Ao passa que, abordando todas essas características, aproximamos os alunos ao real uso da língua, ampliando, assim, tanto a capacidade linguística quanto comunicativa dos discentes.

De acordo com Schneuwly (2004, p. 30), “os gêneros se complexificam e tornam-se instrumentos de construções novas, mais complexas”. Desse modo, é de extrema importância trabalhar com gêneros variados, pois, à medida que eles ficam mais complexos e são abordados em sala de aula, o nível de compreensão e de linguagem do alunado tende a acompanhar essa complexidade, aumentando cada vez mais o desenvolvimento na utilização da língua.

Segundo Dolz & Schneuwly (2004, p. 179), “quando um gênero textual entra na escola, produz-se um desdobramento: ele passa a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e aprendizagem”.

Os gêneros textuais devem ser colocados dentro do contexto de sala de aula e explorados neste âmbito para que os alunos “[...] se tornem capazes não só de reconhecê-los e compreendê-los, mas também de construí-los de modo adequado, em seus variados eventos sociais” (SCHNEUWLY, 2004, p. 21). Porém, essa habilidade só é desenvolvida quando os professores abordam a funcionalidade do gênero em sala de aula.

É importante que os gêneros sejam trabalhados em sala de aula porque “quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregaremos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p.285). Destarte, este domínio aumenta de acordo com o constante contato com os gêneros, por meio de leituras e discussões, porquanto não baste apenas o contato com essas formas linguísticas; é imprescindível a exploração de todos os aspectos textuais e linguísticos que os compõem para ter um bom domínio dos gêneros.

Coloçando o ponto de vista supracitado, Soares(2010, p. 92) afirma que

é refletindo sobre como e por que razão um certo gênero é produzido que o aluno se habituará a lê-lo de forma crítica e a produzi-lo de forma mais adequada, quando isso lhe for solicitado.[...] isso só é possível se a escola sair da rotina de identificar características óbvias e explorar estratégias de levantamento e checagem de hipóteses, inferências, comparações, sínteses e extrapolações, dentre outras coisas (SOARES, 2010, p.92).

Diante do exposto, inferimos que a escola deve incluir e explorar a diversidade de gêneros textuais existentes nas esferas sociais, possibilitando que os alunos percebam, a partir dos vários temas que eles abordam, a função social de cada um.

Para uma abordagem eficaz dos gêneros textuais em sala de aula, é essencial que o professor compreenda que “cada gênero de texto necessita de um ensino adaptado, pois apresenta características distintas” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.101).

O trabalho com os gêneros textuais é bastante defendido por diversos autores, porquanto possibilitem um desenvolvimento singular dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Conforme apontam Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p. 144),

eles dotam os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção dos textos. Fornece um quadro de análise dos conteúdos do conjunto do texto e das sequências que o compõem, assim como das unidades linguísticas e das características específicas da textualidade.

### 3. A importância dos gêneros charge e tirinha e as diferenças entre ambos

O gênero charge atrai muito o público leitor, não só por sua linguagem acessível a todos os níveis de leitura, mas também por tratar de temas atuais, os quais envolvem política e causas sociais de forma leve e com uma dosagem de humor. Confortin, citado por Garcia (2005, p. 84), argumenta que

a charge é essencialmente política em todos os sentidos de palavra, e, obrigatoriamente, carrega grande força crítica, poder reivindicatório e contestador. A simbologia das personagens e temáticas de que o chargista se apossa indicam e apontam para um mundo vivido. Só tem sentido fazer charge de figuras públicas e que sejam reconhecidas pela grande massa da população, que é o que produz o impacto maior no humor.

Assim como a charge, as tiras também apresentam essa aceitabilidade do leitor por explorarem diversos temas de forma bem humorada, além de se valerem sobremaneira da linguagem não verbal e da intertextualidade com outras histórias, contribuindo, dessa forma, para a ampliação dos conhecimentos dos leitores. De acordo com Garcia (2005, p. 06),

O humor crítico inserido nas charges e tiras apresentam episódios ou fatos do cotidiano, propiciando momentos de entretenimento, de riso e de reflexão; através destas leituras pode-se interpretar a sociedade em seus hábitos cotidianos, enfim, compreender o efeito de sentido produzido em cada ato discursivo, constituído histórica, ideológica e socialmente.

Para uma boa compreensão desses textos, que possuem a linguagem verbal e não verbal, é necessário que o leitor preste bastante atenção nas imagens para conseguir inferir sobre o que está sendo abordado. Esses gêneros trazem também, por meio de imagens, muitas informações implícitas para as quais devemos atentar, pois,

para que a leitura de imagem possa contribuir na produção do sentido, a percepção do leitor precisa estar afinada, é necessário responder aos estímulos provocativos da imagem. A mente, a sensibilidade e a criatividade neste processo leitor são intensificadas, pois a linguagem visual é questionadora (GARCIA, 2005, p. 07).

Dionísio (2008, p. 121) explica que “os gêneros discursivos são multimodais porque são produzidos por, no mínimo, dois modos de representação, como palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, entre outras combinações possíveis”. Desta feita, os gêneros charge e tira enquadram-se nessa categoria de multimodais, uma vez que se utilizam de duas representações: as palavras e as imagens. Sabendo-se que estes gêneros fazem parte daqueles de caráter discursivo, é de grande relevância conceituar o gênero discursivo.

De acordo com Bakhtin (2000, p.278),

os gêneros discursivos são formas relativamente estáveis de enunciados que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços linguísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos.

Dando ênfase à definição de charge, Garcia (2005, p. 04) a define nos seguintes termos: “A charge é um desenho pesado, crítico, relacionado com as atividades de uma localidade, e tem um poder muito grande de denúncia”.

Colaborando para a definição deste gênero, Chagas (2012, p. 27) afirma que “a charge é uma crítica humorística feita sobre um determinado fato ou acontecimento. Pode ser feita utilizando somente imagens ou acrescentando textos. O assunto abordado na charge geralmente é uma notícia conhecida pelo público e que está em evidência no meio social”.

“A charge pode abordar vários assuntos, como desigualdade social, educação, meio ambiente, entre outros, mas o assunto de maior destaque é a respeito de política, seja nacional ou internacional” (CHAGAS, 2012, p. 27). Ela aborda esses aspectos de forma leve e bem humorada. Tais elementos de humor “[...] cumprem um papel

fundamental na cultura de um país, pois circulam com desenvoltura em todas as camadas sociais, e têm o papel ideológico, que é o de retratar instantaneamente uma crise que pode ser governamental, social ou individual” (GARCIA, 2005, p. 04).

As tiras e charges compõem gêneros multimodais vinculados, na maioria das vezes, a jornais, revistas e à internet, abordando diversos assuntos.

Nicolau, citado por Nascimento (2010, p. 77) define tira como

uma representação crítica do cotidiano que, utilizando uma visão bem humorada ou satírica, transmite uma mensagem de caráter opinativo e através de sua linguagem verbal e não verbal. Ela é capaz de ultrapassar a censura e se firmar como gênero jornalístico com as mesmas propriedades da crônica, charge, artigo de opinião ou editorial.

As tiras, quando vinculadas aos jornais, podem ainda ser divididas em dois tipos: cômicas e seriadas. As cômicas são criadas com o objetivo de conduzir o leitor ao riso. Apresenta uma história menor e não tem continuidade. Já as seriadas contam uma história, cujas partes são publicadas no jornal diariamente. Também apresentam humor, assim como as cômicas, porém são mais extensas e apresentam continuidade, o que contribui para deixar o leitor na expectativa para ver o desfecho da narrativa.

De acordo com Mendonça (2005, p. 19), as tiras “são subtipos de histórias em quadrinhos mais curtas (até quatro quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético. Podem ser sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia)”.

Os gêneros charge e tirinha se encaixam nos gêneros discursivos e são de grande relevância para o ensino de língua. Assim como os demais gêneros, trazem sentidos que não estão explicitados nos textos em si, mas a partir das inferências que o leitor faz acerca do está exposto, tratam das mais variadas temáticas, com uma linguagem simples e aproximada da realidade dos discentes.

Esses gêneros estão cada vez mais presentes em provas de vestibulares e concursos públicos por ter um grande potencial interpretativo e exigir do leitor uma maturidade maior sobre as questões textuais. Estão presentes também nos materiais

didáticos distribuídos nas escolas, nas aulas de Língua Portuguesa, em jornais e revistas, ou seja, em vários suportes aos quais as pessoas podem ter acesso facilmente.

Uma das características mais marcantes de ambos os gêneros é a utilização do humor, que desperta o interesse dos alunos pelo trabalho didático-pedagógico. Além disso, é uma ótima ferramenta para trabalhar a linguagem verbal e não verbal, bem como as variações da linguagem, mostrando que há determinados gêneros que permitem o uso da linguagem informal e dotada de gírias, sem perder de vista o valor textual, pois cada gênero se comporta de forma condizente ao suporte do qual se vale.

Conforme pontua Chagas (2012, p. 27),

as charges contribuem para o desenvolvimento da habilidade de leitura e estabelece relações com as principais situações às quais a sociedade está exposta, sendo uma forma de observar os discursos que estão implícitos, fazendo com que o leitor tenha um posicionamento crítico diante das situações que acontecem na sociedade.

Quando nos referimos à tira, esta “surgiu da ideia de fazer histórias curtas (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), de forma que a leitura seja rápida, eficiente e bem-humorada” (ANDRADE, 2009, p. 33).

As tiras e as charges trazem, dessa forma, a marca forte do uso da imagem, cujo objetivo no texto é gerar um efeito de sentido somente identificado na imagem. Esta, por sua vez, possui cor, forma e, às vezes, até movimento. Conforme assinala Andrade (2009, p. 59), “esse efeito de sentido não é apenas efeito ornamental, que torna a visão das imagens mais interessante, mas há relação entre ele e categorias semânticas que dão forma e conteúdo ao texto”.

“As tiras utilizam inúmeros recursos visuais para dinamizar a leitura. Assim, certos fatos e fenômenos se tornam mais fáceis de serem compreendidos graças à utilização de aspectos verbais imagéticos” (ANDRADE, 2009, p.61-62). Vale ressaltar que a leitura do texto não verbal é feita de forma a não necessitar de um ensino escolar do sujeito, já que a linguagem verbal se expressa em constituição de significado e significante, enquanto a não verbal denota o pensamento materializado.

Ainda de acordo com Andrade (2009, p. 32), “as tiras originaram-se das histórias em quadrinhos e diferenciaram-se dessas por serem produzidas especialmente para o jornal diário”. Além disso, as tiras são menores. Por apresentar continuidade, uma mesma narração pode ser considerada uma história em quadrinhos (HQ), pois apresenta também balões contendo as falas das personagens.

As tiras e as charges exibem muitas características semelhantes, como o recurso do humor. Algumas tiras satirizam aspectos políticos e econômicos do país. Podem ser categorizadas por temas; entretanto, as tiras não envelhecem como as charges. Para as tiras, assim como para as HQ's, a narração dos fatos em sequência é obrigatória, enquanto que para as charges, essa sequência é opcional. Outro fator que podemos elencar quanto à diferença entre esses dois gêneros é o fato de que as tiras atendem e se adequam ao seu público. Há “[...] tiras veiculadas nas publicações que atendem a segmentos, como crianças, garotas e mulheres, por exemplo, têm personagens e temáticas relacionadas aos interesses de cada público-alvo” (MENDONÇA, 2005, p. 201). As charges, por seu turno, não compartilham dessa flexibilidade e adequação.

Para Dionísio (2008, p. 119),

estamos em uma sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informação ou representação naturais, mas, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que ela representa.

Dessa forma, é evidenciada a importância de utilizar os gêneros em análise em sala de aula, pois a imagem está por toda a parte. Destarte, os alunos estão em frequente contato com elas.

### **3.1 A charge como estratégia de leitura crítica na escola**

A charge é um gênero de texto que atrai o leitor por apresentar aspectos diversos do uso da língua, contemplando a linguagem verbal e não verbal, bem como a construção de sentidos.

Segundo Garcia (2005, p. 02),

o uso da língua consiste em significar a relação que se estabelece entre os indivíduos participantes do ato discursivo, utilizando a linguagem verbal e não verbal e construindo sua relação de construção do sentido através dos consensos explícitos, implícitos e pressupostos.

Sendo assim, o uso da língua consiste na utilização de todas as suas formas, não só se materializando na palavra escrita ou falada. Além de agregar todas essas formas de utilização da língua, a charge ainda possui o acréscimo de imagens, as quais que dinamizam o processo de compreensão do texto escrito. Ademais, “é um gênero de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chárstico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor” (ROMUALDO, 2000,p.05). Desta feita, trata-se de um gênero textual que deve ser inserido nas aulas de português, pois confere abertura para desenvolver o senso crítico e interpretativo dos alunos sobre as questões políticas, sociais e econômicas do nosso país.

Para Sousa (2009, p. 34), “a charge é um gênero do discurso, pois apresenta em sua estrutura certa estabilidade, com características que possuem uma função/ objetivo. Entre elas, destacamos: presença do elemento não verbal, ironia, crítica a uma personagem ou fato político e humor”. Levando em conta todos esses aspectos da charge, podemos afirmar que ela possibilita um trabalho de leitura crítica/reflexiva sobre o que acontece no meio social dentro do contexto escolar, pois, em sua própria composição de gênero, já abrange a crítica a um personagem de vida pública. Diante disto, podem-se promover, dentro de sala de aula, discussões que favoreçam o posicionamento do aluno enquanto leitor crítico, inserido em um contexto sociocomunicativo perante o conteúdo exposto em determinadas charges previamente selecionadas pelo docente.

A charge “[...] é uma forma encontrada pelos chargistas para provocar a conscientização, pois informa, diverte, denuncia e crítica. Por isso, pode ser um recurso discursivo e ideológico, capaz de fazer com que o leitor reflita sobre atos cotidianos e se torne mais consciente da sua realidade” (CHAGAS, 2012, p.27). Dessa forma, ao trabalhá-la em sala de aula, estamos incitando os nossos alunos a se tornarem mais

críticos, além de informados sobre o que acontece na sociedade através da leitura desses textos.

Podemos afirmar que a charge é um gênero que trata também de humor. E por abordar este assunto, traz em sua essência discursos implícitos. De acordo com Sousa (2006, p. 36), “o discurso é a junção de elementos linguísticos e extralinguísticos e é a junção desses elementos que causará o efeito de humor pretendido pelo autor. O componente extralinguístico é o contexto sócio-histórico concomitante à publicação das charges”. Para tanto, o implícito está não no que foi dito através de elementos linguísticos, mas, sim, nos extralinguísticos.

A charge, vista como um gênero discursivo humorístico, apresenta combinação de elementos linguísticos e extralinguísticos para gerar humor. Segundo Possenti (2001, p.11), o humor “[...] é produzido desta junção entre o que está escrito no texto com os elementos que estão fora do que é linguístico, ou seja, o extralinguístico ao qual se refere à situação sócio-histórica em que a charge foi produzida”.

Romualdo (2000, p. 23) elucida que “a charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça”.

As charges são um gênero discursivo que apresenta vários discursos por trás do que não está explícito no texto. É de grande relevância abordá-las em sala de aula, pois “não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam ao leitor” (ROMUALDO, 2000, p. 53).

“O fato de encontrarmos, em textos veiculados pelo próprio jornal, informações diversas que nos permitam interpretar a charge mostra que esta mantém relações intertextuais com os outros textos jornalísticos” (ROMUALDO, 2000, p. 02). A partir dessa afirmativa, podemos considerar esse gênero como grande ferramenta para ampliar a capacidade linguística e textual dos alunos, visto que ele engloba conteúdos de outros textos.

Retomando a característica do humor presente nas charges, esta tem grande relevância para a produção de sentido, pois “[...] atua como um gatilho provocador. Através de palavras e imagens, permite ao leitor uma interatividade textual, remetendo-

o ao conhecimento prévio para que a compreensão do contexto se estabeleça” (GARCIA, 2005, p. 04). Além disso, o mesmo autor salienta que,

no processo de significação e construção do sentido, o humor possibilita o refinamento de ideias e o alargamento da percepção do leitor no aprimoramento de uma visão crítica, expondo os problemas culturais, sociais, raciais, étnicos, as situações estereotipadas e as fraquezas na convivência humana, ironizando e ridicularizando através dos exageros (GARCIA, 2005,p. 04).

Dessa forma, podemos notar que o humor, através do uso de imagens, desperta a atenção do público leitor, pois o recurso imagético é em maior parte responsável pelo humor e, assim, compreende melhor o implícito presente no gênero em questão.

Deve-se abordar o gênero charge em sala de aula, de forma que contemple todas as suas características, principalmente o elemento não verbal. Como dito anteriormente, ele é essencial para a produção de sentido, “pois a opinião é mais vinculada pela imagem caricatural do que pelo uso das palavras” (NASCIMENTO, 2010, p.73).

Abordando a importância da imagem, Melo citado por Nascimento (2010, p. 73), argumenta que “o uso da imagem como instrumento de opinião atende, muitas vezes, ao imperativo de influenciar um público maior que aquele dedicado à leitura dos gêneros opinativos convencionais: editorial, artigo, crônicas etc.”.

Para Basoli (2006, p. 07), “a importância da análise da imagem e da sua relação com o texto acontece na medida em que se percebe a necessidade de se estudar a mescla de gêneros e a variação de linguagens no meio jornalístico para a produção de sentido”. Ademais, em um texto com imagens, esta chama de imediato a atenção e, concomitantemente, lê-se o texto verbal.

### **3.2 As tiras na sala de aula**

Para iniciarmos nossa discussão sobre a utilização do gênero textual tira nas aulas de Língua Portuguesa, devemos refletir sobre o pensamento de Geraldini (2006, p. 66), segundo o qual

a prática de leitura de textos, de produção e análise linguística, que são metas estabelecidas pelo MEC para o ensino de língua, devem interligar-se à unidade textual, ora objeto de leitura, ora resultado da atividade produtiva do estudante e para reflexão linguística que se dá concomitantemente à leitura quando está deixa de ser mecânica para se tornar construção de uma compreensão de sentidos veiculados pelo texto.

Pensando na contribuição de Geraldi (2006) e analisando o gênero tira, percebe-se claramente a veracidade de suas palavras, pois, ao levarmos uma tira para a sala de aula, podemos trabalhar todos esses aspectos interligados, concedendo aos alunos a oportunidade de refletir sobre o uso da linguagem no texto e não apenas promovendo uma leitura decodificadora e mecânica.

Para Andrade (2009, p. 33), “a tira é um texto midiático com formato próprio que representa práticas socioculturais dentro de outras práticas socioculturais institucionalizadas, como a imprensa, envolvendo produtores e receptores de mensagens”. Diante do exposto, é notória a importância de utilizarmos este gênero em sala de aula, abordando questões sociais e culturais, além de ser de fácil acesso ao público. Dessa forma, as tiras estão presentes no cotidiano dos alunos. Assim sendo, aproveitaremos as práticas de leitura diárias dos discentes como instrumento para nossas aulas, pois é inegável a grande quantidade de adolescentes e adultos que leem HQ's.

De acordo com Rossi (2005, p. 64), “os gêneros trabalhados devem levar o aluno a discutir e comentar e conhecer as condições de produção desses gêneros e assim contribuir para sua construção como leitor”. Desse modo, podemos inferir que o gênero tira, apesar de ser um texto breve, deve ser trabalhado de forma que contemple suas características funcionais e estruturais, levando em conta os aspectos extra textuais necessários à produção de sentidos desse gênero textual.

De acordo com os PCN,

o ensino de língua deve dar subsídio para que o aluno possa analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção (BRASIL, 1998, p. 08).

Tendo em vista tais diretrizes, a melhor forma de proporcionar aos discentes esses conhecimentos é trabalhando com gêneros textuais que possibilitem e comportem as várias formas de uso da linguagem. Como é o caso da tira, já que esta exige que o leitor analise a linguagem não verbal, agregando sentido ao texto, identificando a função de determinados recursos dentro dele. Destarte, salienta-se a importância de incluir esse gênero na sala de aula para análise.

Nascimento (2010, p. 81) assevera que

a tira é um gênero discursivo útil para trabalhar a multimodalidade em sala de aula e introduzir a leitura de elementos complexos da narrativa e da crítica, além de ser um gênero bastante acessível. Pode ser utilizado para trabalhar a leitura e análise de diferentes recursos linguístico-discursivos.

As tiras utilizam-se de vários recursos. Deste modo, todos eles contribuem para a produção de sentidos. É imprescindível que estes sejam tratados em sala de aula, pois, segundo Andrade (2009, p. 57), “a forma da letra utilizada pelo autor também agrega sentido ao texto, é mais um recurso semiótico. O texto nos balões, além do significado das palavras, também transmite outras mensagens de acordo com o tipo da letra utilizado para sua composição”. Partindo dessa afirmativa, podemos também pontuar que as expressões faciais dos personagens devem ser bem exploradas no âmbito deste gênero multimodal.

Sabendo que a leitura das imagens é importante, faz-se urgente um letramento visual, pois esta modalidade de leitura na escola é ainda uma prática desfavorecida, apesar de sua recorrência no convívio social dos alunos, fazendo-se presente, por exemplo, em anúncios publicitários, jogos e na internet. A escola não tem concedido a devida importância ao gênero, bem como às suas possibilidades. Segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 61), “o estudo das visualidades deve ser integrado aos projetos educacionais, uma vez que tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente”.

#### 4. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Para a realização do presente trabalho, recorreu-se à pesquisa bibliográfica. Segundo Ruiz (2011, p. 58),

bibliografia é o conjunto dos livros escritos sobre determinado assunto por autores conhecidos e identificados ou anônimos, pertencentes a correntes de pensamentos diversos entre si, ao longo da evolução da humanidade. E a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica.

O manancial selecionado para a nossa pesquisa compõe-se de livros didáticos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. “A pesquisa implica um levantamento de dados de várias fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas” (MARCONI & LAKATOS, 2001, p.43).

Assim sendo, o nosso trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter quantitativo, contando com a seleção de livros para análise e desenvolvida através de pesquisas em livros, artigos e revistas enfocando a investigação científica sobre os gêneros textuais tira e charge.

A pesquisa bibliográfica é de fundamental importância para qualquer trabalho. Escolhemos essa modalidade de pesquisa uma vez que ela permite o contato com vários materiais de cunho teórico, podendo estabelecer diferenças e semelhanças entre eles, além de oportunizar a comparação em evolução e retrocesso entre os materiais em evidência.

A pesquisa se encaixa nessa modalidade visto que o nosso trabalho consiste em um levantamento da incidência de tiras e charges nos livros didáticos. De acordo com Marconi & Lakatos (2001, p. 44), “a pesquisa bibliográfica trata-se de levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas publicadas avulsas e impressas. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”.

A pesquisa bibliográfica compreende algumas fases, pelas quais passamos para a elaboração do nosso trabalho. Após a escolha do tema, a primeira etapa do plano de

trabalho constou da realização de uma pesquisa nas escolas para descobrir quais materiais didáticos estavam sendo utilizados no ensino de Língua Portuguesa. Dirigimo-nos a algumas escolas públicas, localizadas na cidade de Campina Grande e nas principais escolas de ensino fundamental II de Aroeiras e Gado Bravo, com o intuito de conhecer os livros didáticos mais utilizados para o ensino de português.

A segunda etapa foi selecionar os materiais para a análise. O nosso critério de seleção foi escolher os livros que estavam presentes nas escolas, incluindo tanto os que foram adotados nestas escolas, “*Português: linguagens* (2011 a 2013), de Cereja & Magalhães (2009), e *Vontade de Saber*(2014 a 2016), de Alves & Brugnerotto (2012). Como também os que serviam de apoio para os professores, como foi o caso da terceira coleção escolhida. *Singular & Plural* (2014 a 2016), de Figueiredo; Balthasar & Goulart (2012). Esta foi a segunda mais votada; porém, não foi adotada oficialmente pela escola, embora os professores a utilizem como apoio para a realização das aulas, conforme foi dito pelos docentes de Língua Portuguesa e gestores das escolas de onde recolhemos estes materiais. A segunda etapa constou ainda da seleção de autores e materiais para fundamentar a nossa análise.

Já na terceira etapa, analisamos e comparamos os materiais selecionados. A nossa análise consistiu em identificar a incidência de charges e tiras nos livros didáticos. Para tanto, contabilizamos quantas charges e tiras havia em cada volume das coleções em análise. Feito isto, partimos para a parte mais detalhada da análise: separar as tiras e charges que eram utilizadas como pretexto para a descrição gramatical e as que eram abordadas de forma discursiva. Por fim, comparamos os materiais, evidenciando o que melhor abordava os referidos gêneros com vistas a um ensino reflexivo, de modo a contribuir para a formação de leitores críticos, capazes de se posicionar diante de problemas enfrentados pela sociedade.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Os livros didáticos são suportes que agregam vários gêneros textuais. Eles representam também a maior ferramenta didática que o professor utiliza em sala de aula.

Selecionamos três coleções de livros didáticos distintas, do 6º ao 9º ano. Dentre elas, duas estão em circulação em algumas escolas públicas nas cidades de Aroeiras, Gado Bravo e Campina Grande-PB: “*Português: linguagens* (2011 a 2013), de Cereja & Magalhães (2009), e *Vontade de Saber*(2014 a 2016), de Alves & Brugnerotto (2012).A outra coleção, *Singular & Plural*(2014 a 2016), de Figueiredo; Balthasar & Goulart (2012), foi submetida aos professores para escolha nessas três escolas, tendo sido a segunda mais votada na escola Padre Godofredo Joosten e no Colégio de Aplicação, em Gado Bravo e Campina Grande, respectivamente.

A escolha foi feita a partir do critério de aceitação desses materiais nas escolas.A primeira coleção selecionada foi *Português: Linguagens*, de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães. A referida coleção pertence à Editora Atuale foi indicada para o trabalho didático-pedagógico no período de 2011 a 2013.A sexta edição da obra foi adotada para o período de 2014 a 2016 pelo Colégio de Aplicação, em Campina Grande, e pela Escola Jardirene de Souza, em Aroeiras. Esta coleção é credenciada pelo PNLD.Analisamos a quinta edição,devido ao fato de o nosso estudo ter-se iniciado no final do ano de 2013.

O livro didático é dividido em seções, as quais são organizadas da seguinte maneira:

*Estudo do texto*:seção destinada à leitura e exercícios de interpretação textual, sendo abordados diversos gêneros em cada capítulo;

*Produção de texto*:seção diretamente interligada aos textos trabalhados na seção anterior. Trata-se de uma proposta interessante para a abordagem da escrita,pois oferece subsídio para o aluno desenvolver o seu texto. Além disso,nesta seção, os

autores trazem a proposta de reescrita, dando pistas para que o discente revise e reescreva o seu texto;

*Alíngua em foco*: seção dirigida aos estudos gramaticais de forma contextualizada, de acordo com os autores. Entretanto, utiliza-se de alguns gêneros textuais para realizar o estudo de frases isoladas. Ainda na referida seção, há a subseção intitulada *Semântica e Discurso*, a qual propõe o estudo do significado de alguns termos da gramática;

*De olho na escrita*: seção destinada ao estudo da ortografia, com a utilização de alguns gêneros textuais. A subseção intitulada *Divirta-se* é organizada para a leitura de fruição, delimitando alguns gêneros textuais para a leitura livre de cobranças interpretativas ou gramaticais.

Essa coleção apresenta tanto o gênero charge como as tiras. Porém, a recorrência de tiras está presente em todos os volumes em grande número, enquanto as charges aparecem em dois volumes, e em pequeno número. As seções que mais abordam esses gêneros são *Língua em foco* e *De olho na escrita*.

O segundo livro analisado foi *Vontade de Saber*, das autoras Rosimere Alves e Tatiane Brugnerotto. A coleção pertence à Editora FTD, cuja primeira edição data de 2012. Ela foi distribuída para os anos letivos de 2014 a 2016, tendo sido adotada na Escola Padre Godofredo Joosten, em Gado Bravo, instituição na qual a pesquisadora atua como docente.

Este livro é organizado em quatro unidades, cada uma com dois capítulos, os quais apresentam seções com a seguinte constituição: *Leitura, Estudo do texto e Produção escrita e oral*. Esta seção propõe o estudo da língua a partir de vários gêneros textuais e da interação entre os textos em cada capítulo. A outra seção intitula-se *Língua em estudo*, dedicada ao estudo de análise linguística.

Nesta coleção, foram encontradas charges em um dos volumes do 8º ano. As tiras, contudo, estão presentes em todos os volumes e em todos os capítulos dos livros, sendo mais recorrente na seção *língua em estudo*.

A terceira coleção analisada foi *Singular & Plural*, das autoras Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart. Esta coleção foi distribuída na maioria das escolas para aprovação; porém, o livro *Português: Linguagens* já havia sido

trabalhado nas escolas. Então, os professores optaram por continuar com o mesmo livro, mas com uma nova edição, sendo este o segundo mais votado para ser adotado nas três escolas. Por esse motivo, consideramos relevante analisá-lo.

Este livro se diferencia dos demais por apresentar uma divisão em três cadernos, cada um constando de três unidades: o primeiro caderno, destinado à leitura e produção de textos, aborda a questão das características dos gêneros trabalhados e ainda a interpretação de textos, seguindo eixos temáticos. O segundo é destinado ao trabalho com gêneros literários, como conto, poema, dentre outros. O terceiro caderno, intitulado *Estudos de língua e linguagens*, é direcionado à análise linguística.

É intensa a recorrência das tiras nos três volumes, assim como nas demais coleções. As charges figuram em apenas um volume, destinado ao 8º ano do Ensino Fundamental.

Após uma pequena apresentação do material, procederemos a uma análise quantitativa de tiras e charges em cada volume e, posteriormente, descreveremos as formas de abordagem para ambos em cada coleção.

TABELA 01: Análise quantitativa da recorrência de tiras e charges na coleção *Português: Linguagens*, de Cereja & Magalhães (2009).

Volumes	Quantidade de tiras	Quantidade de charges	Incidência de questões de abordagem tradicional envolvendo tira/charge	Incidência de questões de abordagem semântico-discursiva envolvendo tira/charge
6º ano	36	1	30 tiras e 1 charge	6 tiras e 0 charges
7º ano	49	3	40 tiras e 3 charges	9 tiras e 0 charges
8º ano	29	2	19 tiras e 2 charges	19 tiras e 0 charges
9º ano	40	2	35 tiras e 2 charges	5 tiras e 0 charges
Recorrência do gênero na coleção	154	8	-	-

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

TABELA 02: Análise quantitativa da recorrência de tiras e charges na coleção *Vontade de Saber*, de Alves&Brugnerotto (2012).

Volumes	Quantidade de tiras	Quantidade de charges	Incidência de questões de abordagem tradicional envolvendo tira/charge	Incidência de questões de abordagem semântico-discursiva envolvendo tira/charge
6º ano	30	0	19 tiras e 0 charges	11 tiras e 0 charges
7º ano	19	2	13 tiras e 0 charges	6 tiras e 2 charges
8º ano	14	2	10 tiras e 1 charge	4 tiras e 1 charge
9º ano	12	1	7 tiras e 0 charges	5 tiras e 1 charge
Recorrência do gênero na coleção	75	5	-	-

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

TABELA 03: Análise quantitativa da recorrência de tiras e charges na coleção *Singular & Plural*, de Figueiredo; Balthasar&Goulart (2012).

Volumes	Quantidade de tiras	Quantidade de charges	Incidência de questões de abordagem tradicional envolvendo tira/charge	Incidência de questões de abordagem semântico-discursiva envolvendo tira/charge
6º ano	30	1	15 tiras e 0 charges	15 tiras e 1 charge
7º ano	38	0	26 tiras	12 tiras e 0 charges
8º ano	21	7	14 tiras	7 tiras e 7 charges
9º ano	21	1	14 tiras	7 tiras e 1 charge
Recorrência do gênero na coleção	109	8	-	-

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Como podemos perceber, pelos números apresentados nas tabelas, há uma grande incidência de tiras, mas a maioria delas é utilizada para análise gramatical. Embora uma das coleções apresente também as tiras de forma discursiva, o que prevalece é a utilização de tiras e charges como pretexto para o ensino de gramática.

Nas três coleções, este tipo de abordagem foi recorrente. Assim, evidenciamos que a ênfase dos livros didáticos recai sobre a análise linguística de cunho meramente gramatical. Como podemos comprovar a partir da tira a seguir retirada de livro Português: Linguagens:

**EXERCÍCIOS**

Leia a tira a seguir, de Angeli, e responda às questões 1 e 2.

(Folha de S. Paulo, 10/5/2003.)

1. A oração do balão do 3º quadrinho está na voz ativa. Passe-a para uma das modalidades da voz passiva.
2. Observe agora a legenda do 2º quadrinho.
  - a) A oração dela está na voz ativa ou na passiva?
  - b) A concordância do verbo com o sujeito está de acordo com as regras da variedade padrão? Por quê? Se não, qual seria a forma adequada?

Segundo Mendonça, citado por Barbosa (2010, p.159), existem algumas diferenças entre análise linguística e análise gramatical. Uma delas é aplicável ao exemplo acima, pois, na análise linguística,

o objeto de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remete a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), é apresentado e retomado sempre que necessário, enquanto na análise gramatical a ênfase se dá nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordados isoladamente e em sequência mais ou menos fixa. A centralidade dos efeitos de sentido está para a análise linguística; já para a análise gramatical, a centralidade é da norma-padrão.

A partir da análise dos materiais didáticos *Vontade de Saber*, de Alves & Brungerotto (2012), distribuídos na rede pública de ensino da cidade de Gado Bravo-PB para o ano letivo de 2014 do 6º ao 9º ano. Verificamos que a coleção trabalha com questões atuais, trazendo propostas inovadoras. Porém, no que se refere aos gêneros textuais, ainda deixa a desejar, pois constatamos que ela aborda as tirinhas como pretexto para o ensino de algum conteúdo gramatical, ou seja, a questão do gênero em si não é trabalhada. Essa afirmativa pode ser comprovada a partir da imagem retirada do livro em questão

Há uma grande incidência de tiras em ambas as coleções, e com a mesma finalidade: exercitar os conhecimentos dos alunos sobre gramática. Sempre que se inicia um novo conteúdo, as tiras estão presentes. A recorrência deste gênero textual se verifica a cada três páginas do livro didático de português. De acordo com Antunes (2007), trata-se de uma postura equivocada, posto que o ensino de língua deva ir além da gramática. Segundo a autora, “a língua é uma atividade interativa, direcionada para a comunicação social. Por isso se supõem outros componentes além da gramática” (ANTUNES, 2007, p.67). Portanto, o uso de um gênero textual nas aulas de Língua Portuguesa deve voltar-se também para os outros elementos que o compõem, porque “a língua é, na verdade, um conjunto (léxico e gramática) materializado em textos, que permite a atividade significativa das atuações verbais (ANTUNES, 2007, p.68).

O gênero charge possui menos incidência nas coleções em análise. Isto pode ser ocasionado pelo fato de as charges serem gêneros dotados de uma durabilidade menor, haja vista que, como elas tratam de temas atuais e os livros são preparados para três anos de uso, as charges já teriam perdido a relevância contextual. Como os livros didáticos estão buscando aprimorar sua qualidade e os autores procuram sempre atualizar as questões de cunho didático-pedagógico, eles optam por não utilizá-la com frequência para não trazer fatos que já não fazem parte do ideário social ou político do momento.

De acordo com Romualdo (2000, p. 21), “a charge é o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político. Por focalizar mais uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”. Ou seja, se é exposta uma charge de 1989 a um adolescente de 15 anos, ele provavelmente não conseguirá fazer as mesmas associações que faria acerca de uma

charge de 2014, por exemplo, de modo que, para a interpretação desse gênero, é necessário que o leitor conheça o seu contexto de produção.

Pereira et al. (2006, p. 27) afirmam que “a metodologia a ser trabalhada na aula de português deve permitir que o estudo da língua não se circunscreva a uma abordagem puramente gramatical, mas possibilite a ampliação da competência comunicativa dos alunos”.

Os manuais escolares e os autores mais estruturalistas concebem a língua simplesmente como um código ou um sistema de sinais autônomo, transparente, sem história e fora da realidade social dos falantes. Todavia, “a língua é muito mais do que um sistema de estruturas fonológicas, sintáticas e lexicais” (MARCUSCHI, 2008, p.240).

A tira é um gênero que há muitos anos esteve e está presente nos jornais. Devido ao seu sucesso entre os leitores, ela foi crescendo em relevância e ganhando outros suportes, como revistas, internet e até o livro didático.

Com a abordagem desses manuais em torno desses gêneros, nota-se a ineficiência de trabalho do texto enquanto gênero e a grande aplicabilidade dele como pretexto para a análise gramatical. Não queremos aqui abolir os gêneros tira e charge dos livros didáticos, mas defender a premissa de que estes referenciais tratem os gêneros de acordo com o seu valor linguístico e semântico dentro do contexto escolar.

Após a análise das três coleções, verificamos que aquela que mais se aproxima das propostas feitas pelo MEC e pelos teóricos para a abordagem dos gêneros textuais é a coleção “*Singular & Plural*”, de Figueiredo; Balthasar & Goulart (2012), porquanto esta trabalhe tanto a questão do gênero textual como também os sentidos presentes nos gêneros tira e charge, propiciando ao aluno uma melhor interação com o texto enquanto gênero em suas atividades escolares, como podemos comprovar na figura abaixo :

Capítulo  
**1**

## Um mundo de credos, valores e costumes...

▼ Observe esta imagem.

MAFALDA

! Converse com a turma

▼ Sobre a tira de Mafalda.

1. O que está acontecendo nos três primeiros quadrinhos da tira?
2. O que Mafalda está fazendo no último quadrinho?
3. Considerando a sequência dos quadrinhos, explique a reação de Mafalda.
4. Você considera hostil a atitude das personagens em relação a Mafalda? Por quê?
5. Em todos os quadrinhos há um animal. Qual a diferença entre eles?

Porém, a coleção ainda apresenta algumas falhas, haja vista que recorre igualmente aos referidos gêneros para propor uma abordagem meramente gramatical dos mesmos em algumas seções dos livros didáticos.

## 6. CONCLUSÃO

A diversidade de gêneros textuais presentes nos livros didáticos possibilita aos professores e alunos o trabalho diário com textos em sala. Porém, alguns gêneros são abordados de forma superficial, deixando, assim, de contribuir para a formação de leitores críticos.

O nosso trabalho foi desenvolvido a partir do objetivo de analisar de que forma os livros didáticos abordam os gêneros tira e charge. Desta feita, avaliamos se estes gêneros eram trabalhados nos materiais de acordo com os critérios semântico-discursivos e pragmáticos em três coleções do Ensino Fundamental ou se eles estavam sendo usados apenas como pretexto para o ensino de gramática.

Em nossa análise, comprovamos que os gêneros em discussão são abordados, na maioria das vezes, para o ensino de gramática, pois, nas três coleções, a ênfase conferida aos gêneros era sempre voltada para aspectos como ortografia, classes gramaticais, dentre outros. Foram poucas as tiras e charges trabalhadas enquanto gêneros, levando em consideração seus aspectos linguísticos e textuais, como personagens, humor, contexto, linguagem verbal e não verbal.

Sabemos que as tiras e charges são gêneros textuais de grande relevância para um ensino reflexivo-discursivo. No entanto, como se evidenciou em nosso trabalho, estes vêm servindo como pretexto para o ensino de gramática, perdendo, assim, o seu real valor de gênero textual. Dessa forma, comprovamos que coleções não cumprem com o seu papel de propiciar ao corpo discente um ensino crítico reflexivo a partir dos gêneros tira e charge.

Esperamos que o presente trabalho contribua para a reflexão sobre o livro didático na sala de aula e para a abordagem dos gêneros em pauta, para que os professores não fiquem restritos às discussões propostas pelos manuais,mas explanem todos os aspectos ressaltados pelos gêneros nas aulas de Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rosemeire; BRUGNEROTTO, Tatiane. **Vontade de Saber: Português. 6º ano.** 1. ed. São Paulo: FTD, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vontade de Saber: Português. 7º ano.** 1. ed. São Paulo: FTD, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vontade de Saber: Português. 8º ano.** 1. ed. São Paulo: FTD, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vontade de Saber: Português. 9º ano.** 1. ed. São Paulo: FTD, 2012.

ANDRADE, Sandra Helena. **Tira no livro didático: texto ou pretexto?** 2009. Disponível em:

<[bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=405](http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=405)>. Acesso em: 18 ago. 2014

ANTUNES, Irandé Costa. **Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília/DF: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Educação Básica, 2006 (v. 1). Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/profs/reinildes/dados/arquivos/ocem.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília/DF: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília/DF: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Educação Básica, 2000 (Parte II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias).

BAKHITN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCN ao professor real de língua portuguesa: são os PCN praticáveis? In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Análise e reflexões sobre a língua e as linguagens: ferramentas para os letramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). **Explorando o ensino: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: PDE, 2010.

BASOLI, Lídia Pampana. **A ironia e o humor na escrita e na imagem**: uma análise dos textos de Jabor e Veríssimo no Caderno 2 do jornal O Estado de São Paulo. 2006. Disponível em: <[www.portcom.intercom.org.br](http://www.portcom.intercom.org.br)>. Acesso em: 17 out. 2014.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. 6º ano. 5. ed. reformulada. São Paulo: Atual, 2009.

\_\_\_\_\_. **Português: Linguagens**. 7º ano. 5. ed. reformulada. São Paulo: Atual, 2009.

\_\_\_\_\_. **Português: Linguagens**. 8º ano. 5. ed. reformulada. São Paulo: Atual, 2009.

\_\_\_\_\_. **Português: Linguagens**. 9º ano. 5. ed. reformulada. São Paulo: Atual, 2009.

CHAGAS, Michele Aparecida. **Charges sob a ótica da semântica e da pragmática**. 2012. Disponível em: <[www.cdn.ueg.br/M0N0GRAFIA\\_MICHELE\\_APARECIDA\\_CHAGAS](http://www.cdn.ueg.br/M0N0GRAFIA_MICHELE_APARECIDA_CHAGAS)>. Acesso em: 21 jul. 2014.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas/PR: Kayganguê, 2008. p. 159-177.

\_\_\_\_\_; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; Schneuwly, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004 (Coleção *As Faces da Linguística Aplicada*).

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural: Leitura, Produção e Estudos de Linguagem**. 6º ano 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

\_\_\_\_\_. **Singular & Plural: Leitura, Produção e Estudos de Linguagem**. 7º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

\_\_\_\_\_. **Singular & Plural: Leitura, Produção e Estudos de Linguagem**. 8º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

\_\_\_\_\_. **Singular & Plural: Leitura, Produção e Estudos de Linguagem**. 9º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

GARCIA, Nilce Helena da Mota. **Para além das palavras: charges, tiras e quadrinhos**. 2005. Disponível em: <[www.allb.com.br/anais16/sem03ss05\\_08.pdf](http://www.allb.com.br/anais16/sem03ss05_08.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2014.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Elisabeth. Escrevendo na escola para a vida. In: ROJO, Roxane (Org.). **Explorando o ensino: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: PDE, 2010.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: A história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005. p. 199-226.

MEUER, J. L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas/PR: Kaygangue, 2008. p. 152-170.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Eds.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 145-163.

\_\_\_\_\_; HEBERLE, V. M. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.

PAGNONCELLI, Magali. **A influência dos gêneros textuais no processo de construção de sentido do texto**. 2008. Disponível em: <[www.celsul.org.br/Encontros/08/importancia\\_do\\_genero.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/08/importancia_do_genero.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2014.

PEREIRA, C. C. et al. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: WITTKE, Cleide Inês (Org.). **Gêneros textuais: Perspectivas teóricas e práticas**. 1. ed. Pelotas/RS: Caderno de Letras, 2012.

POSSENTI, Sírio. A forma no discurso. In: \_\_\_\_\_. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 153-182.

NASCIMENTO, Natália Andrade do. **Gênero textual charge como instrumento facilitador nas aulas de língua portuguesa**. 2010. Disponível em: <[unieducar.org.br/artigos/ARTIGO%20final%201\(2\).pdf](http://unieducar.org.br/artigos/ARTIGO%20final%201(2).pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2014.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas  
In: MEUER, J. L.; BORDINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: polifonia e intertextualidade**.  
Maringá/PR: Eduem, 2000.

ROSSI, Maria Aparecida Garcia Lopes. Gêneros discursivos no ensino de leitura e  
Produção de Textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz;  
BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros Textuais: Reflexões e ensino**. Palmas e  
União da Vitória/PR: Kaygangue, 2005.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e  
ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004 (Coleção *As Faces da Linguística Aplicada*).

\_\_\_\_\_; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos  
de ensino. In: \_\_\_\_\_; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**.  
Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras,  
2004 (Coleção *As Faces da Linguística Aplicada*).

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina,  
2001.